

O PROFESSOR DE CIÊNCIAS E O CINEMA: POSSIBILIDADES DE DISCUSSÃO

Elenise Cristina Pires de Andrade

“No escurinho do cinema,
chupando drops de anis.
Longe de qualquer problema,
Perto de um final feliz!”

(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

O Professor e o Cinema

Será que poderíamos transportar o escurinho do cinema para uma sala de aula com luzes apagadas, cortinas pretas para impedir a entrada da luz solar, com professores e alunos “*Longe de qualquer problema, perto de um final feliz?*”

Temo que a resposta seja negativa, pois mesmo sabendo que a maioria dos professores utiliza o recurso das linguagens audiovisuais em suas aulas, eles não possuem um respaldo operacional sobre seu emprego, visto que os cursos de pedagogia, licenciaturas ou magistério “*(...) pouco ou nada incluem nos seus currículos sobre a utilização dos recursos audiovisuais em sala de aula.*” (FRANCO, 1992, p.21).

Atualmente, não há como negar a enorme influência do cinema e da TV em representações e significações que as pessoas criam a respeito de suas próprias vidas cotidianas. A ficção e a imaginação tomam conta de todos nós no momento que paramos frente a uma tela de cinema ou de um aparelho de TV para apreciarmos uma projeção cinematográfica, que envolve muito mais que as cenas mostradas na tela “*As imagens do cinema e da televisão governam a educação visual contemporânea e, em estética e política, reconstroem, à sua maneira, a história de homens e sociedades*” (ALMEIDA, 1999, p. 9).

Portanto, seria interessante que o professor também explorasse alguns significados atrelados, por exemplo, ao gênero ao qual o filme pertence, alguns interferentes históricos, políticos, econômicos e culturais presentes no processo de produção das obras cinematográficas, as possíveis crenças, valores e interesses que permeiam a produção cinematográfica, entre outros aspectos.

A Narrativa Utópica

O cinema, no decorrer de sua história, se constituiu em uma ação humana carregada de significados culturais, sociais, políticos e econômicos. Além disso, a imagem cinematográfica passou a permitir uma construção “virtual” de realidade, sob a forma de imagens em movimento sobre uma tela de projeção, possibilitando o enaltecimento ou a crítica da realidade a partir de sua dimensão construída “virtualmente”, tornando possível enaltecê-la ou criticá-la a partir dela mesma.

Porém, não foi o cinema que inaugurou essa maneira de criticar a estrutura social a partir da própria sociedade. Tomas Morus, em 1516, na sua obra *A Utopia* utilizou-se dessa transposição dos problemas da sociedade inglesa para outro lugar, fora da Grã-Bretanha, envolvendo uma outra suposta sociedade. Emprestando o nome da obra de Morus, esse tipo de narrativa é chamada de **utópica** e atende ao seguinte cenário: a estrutura das relações sociais, as lutas pelo poder, os choques de valores interesses e crenças, enfim toda a complexidade da constituição sociocultural, inclusive a discussão sobre o papel da técnica e da tecnologia, são transportados para outro tempo/espaço.

Interessante notar que, embora Morus houvesse tecido duras críticas à estrutura, organização e fundamentação da sociedade inglesa, o significado de **utopia** atrela-se à “projetos irrealizáveis” no sentido de que a sociedade imaginada pelo autor, de tão justa e equilibrada, não existiria. A **narrativa utópica** caracteriza-se, paradoxalmente, por passagens nada utópicas, pois tece pesadas e intensas críticas a projetos já realizados e legitimados socioculturalmente.

No meio cinematográfico, nas décadas de 70-80, algumas produções enfatizaram os problemas advindos do intenso emprego da tecnologia e seus desdobramentos na vida humana, constituindo-se em excelentes exemplos desse gênero cinematográfico: *Admirável Mundo Novo* (Burt Brinkerhoff, 1980), uma filmagem da obra de Huxley; *2001: Uma odisséia no espaço*, (a obra-prima de Stanley Kubrick, 1968); *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982).

Uma das críticas presente nos exemplos aqui citados relaciona-se à discussão das especificidades das ações e das reflexões humanas, não por meio das personagens humanas, mas através de robôs, computadores, replicantes e andróides. Tais “artefatos tecnológicos”, construídos visando a melhoria da qualidade de vida humana, parecem tornar-se menos racionais e mecânicos, aproximando-se, paradoxalmente, das características especificamente humanas. O ser humano, por seu turno, sente-se sem uma identidade individual e social, percebendo que sua dimensão histórica, pouco a pouco, estaria sendo perdida, aproximando-se de uma construção biomecânica!¹

Nascemos ou Tornamo-nos Seres Humanos?

Uma das possibilidades de discussão com esse gênero de produção cinematográfica é a que remete à complexidade da constituição do ser humano. Quando nos detemos às especulações em torno de diferenças entre os seres humanos e os demais seres vivos, há um consenso acerca da aceitação que a produção cultural, historicamente constituída, seja um traço marcadamente humano. No entanto, essa distinção precisa ser reinterpretada quando pensamos em composições biomecânicas, produzidas, por nós, à nossa imagem e semelhança. Como ficamos diante de seres tão próximos e, ao mesmo tempo, tão distantes de nossas peculiaridades frente aos demais componentes do ambiente? Como entender o papel da cultura humana nessas “criações especiais”?

A discussão acima também abrange uma concepção fundamental, que é o modo de compreensão da relação do ser humano com o ambiente, que, historicamente tem sofrido inúmeras modificações ao longo dos acontecimentos socioculturais e econômicos. No excelente trabalho de Keith Thomas, *O homem e o mundo natural*, o autor narra como a nossa relação com o ambiente sempre foi uma prática sociocultural. Para o ser humano sentir-se destacado e em um nível superior sobre os demais elementos do planeta, ele sempre os privou de características sublimes, reservando-lhes somente as mais selvagens².

Como podemos constatar, a reflexão que envolve a nossa relação com o ambiente não é nem simples, nem tranqüila. Mesmo porque tais discussões nos remetem a uma questão ontológica com relação à constituição socio-cultural-biológica de **ser humano**. Qual o papel do ser cultural e do ser biológico para nossa hominização? Mas, o que é hominização? Já não nasceríamos seres humanos?

Concordo com a teoria que remete à existência de um movimento dialético entre ambiente e ser humano, constituindo uma tríade indissolúvel: mundo humano/mundo natural/mundo cultural. O mundo natural enquanto “fornecedor” dos aspectos bio-ecológicos, o humano com suas tramas sociais e o cultural enquanto componente de origem do processo de significação. A hominização constituir-se-á dialeticamente no movimento entre os três mundos que, na realidade, são um só.

A hominização estaria, então, inteiramente ligada **ao ser biológico e cultural, simultaneamente**, visto que não seria possível separar ou destruir apenas um aspecto. Assim, o entendimento sobre a relação do ser humano e os demais elementos do ambiente torna-se primordial e as inter-relações que as compõem são necessárias e fundamentais para a construção, legitimação, ascensão e queda de crenças, valores e interesses humanos no transcórre de sua história.

Um Exemplo de Discussão com o Filme *Blade Runner*

Atualmente, então, poderíamos dizer que estamos com mais um dilema sobre nossa origem filosófica e cultural, pois precisaríamos começar a conceber que um ser humano seria muito mais que simplesmente a ação bioquímica de seus genes em um determinado local. E é nesse ponto que pretendo discutir mais especificamente sobre os replicantes do filme *Blade Runner*, dirigido por Ridley Scott.

Os replicantes possuem código genético, apesar de não serem constituídos por células³. A complexidade da ocorrência das reações químicas envolvendo o material genético já poderia denotar a existência de vida nos replicantes? Interessante refletir sobre a resposta de Roy (um replicante) a uma pergunta de J.F. Sebastian (um ser humano), quando este pede ao replicante para que realize alguma façanha: *Nós não somos computadores, Sebastian, somos seres vivos!* Responde Roy.

Quando imaginamos robôs (HAL 9000 em *2001: Uma odisséia no Espaço*), andróides com pele humana (Kyle Reese - andróide interpretado por Schwarzenegger em *O exterminador do futuro*) ou os próprios bonecos produzidos por J.F., conseguimos distinguir claramente que são **outros** “seres vivos”, não pertencentes à espécie humana. Mas, e quando as diferenças não são perceptíveis aos nossos sentidos? No filme de Scott são traços tão humanos quanto “invisíveis” as características mais discutidas nos replicantes: a consciência da própria existência, as emoções e a memória⁴. Além disso, não existem efeitos especiais, são os próprios atores que os interpretam.

Outra crítica que pode ser lida em *Blade Runner* é a relativa à construção e utilização do conhecimento científico. Parece ocorrer um dilema entre essa construção ser feita por meio do **ver** ou do **sentir**. A opção radical pelo sentido da visão foi ratificada no século XVII principalmente com as obras e pensamentos de Descartes. Segundo a síntese realizada pelo filósofo francês, a visão permitia tudo observar de maneira neutra e correta, podendo, então, comprovar a existência dos fenômenos. Bastava ao observador a razão para discernir a verdade da ilusão. Os sentimentos só se prestariam para afastar a objetividade e a neutralidade do observador.

O ser humano, único ente da natureza possuidor da capacidade de ver e raciocinar, existiria⁵. Demarca-se fortemente, dessa maneira, a linha divisória entre os seres humanos e os seres “não pensantes”, ou seja, os demais componentes do ambiente. Os replicantes, ao buscarem construir o conhecimento no **refletir e no sentir**, desmontam a lógica cartesiana. Pris (uma replicante) ao afirmar *Eu penso, Sebastian, portanto existo* constata que o pensamento não é mais **privilegio** humano.

Interessante notar que, logo após esse diálogo Pris coloca sua mão em água fervente, retira um ovo e o

remete para J.F. que, imediatamente o atira ao chão, pois não suporta a alta temperatura. É esse o contraste: os replicantes pensam, trabalham, amam, odeiam, questionam, suportam condições físicas impossíveis aos seres humanos, interagem com indivíduos do próprio grupo, entendem os símbolos humanos. Qual a diferença entre eles e os seres humanos?

Considerações Finais

Com essas breves reflexões pretendo fornecer apenas mais uma, entre outras tantas, maneiras de utilização de *Blade Runner*, que também aborda a complexidade dos aspectos tecnológicos, as consequências ambientais do desenvolvimento urbano exagerado (lixo, chuva ácida), a influência da linguagem na comunicação das pessoas (dialeto das ruas) e tantos outros temas. Se o filme for considerado longo demais, poderá ocorrer a escolha de trechos, para que sejam contrapostos a outros filmes e/ou trechos que comportem reflexões semelhantes.

Não podemos esquecer que trabalhamos com muitos alunos e que, "Ainda que pertençam a níveis socioculturais equivalentes, as pessoas vêem sempre elementos distintos ao assistirem a um mesmo audiovisual." (MILÉO FILHO, 1994, p.28). Talvez essa constatação não represente uma imensa dificuldade, mas sim se transforme em um dos objetivos do trabalho com os recursos audiovisuais: aflorar as características que certamente nos distinguem como pessoa, aguçando nossa sensibilidade artística e intensificando a discussão sobre os valores e interesses das ações humanas, incluindo a construção e utilização do conhecimento do mundo que nos cerca.

Bibliografia

- ALMEIDA, M. J. - A Educação Visual da Memória: Imagens Agentes do Cinema e da Televisão. In *Proposições*. V. 10, n. 2 (29), p. 9-25, julho/1999
- FRANCO, M. S. - A natureza pedagógica das linguagens audiovisuais. In FALCÃO, A.R., BRUZZO, C.

(coord.) *Cinema, uma introdução à produção cinematográfica* – Série Lições de cinema 1. São Paulo: FDE, 1992.

MILÉO FILHO, P.R. - *Os meios audiovisuais no ensino de Física: produção, classificação e dinâmicas de utilização de audiovisuais educativos de Física na sala de aula*. São Paulo, Instituto de Física/Faculdade de Educação, USP, 1994 (Dissertação de Mestrado).

PYLE, F. - Making cyborgs, making humans: of Terminators and Blade Runners. In COLLINS, J., RADNER, H., COLLINS, A.P. (eds.) *Film theory goes to the movies*, Routledge: New York, 1993.

SALIBA, E.T. - História e cinema: a narrativa utópica no mundo contemporâneo. In *Lições com cinema*. V.2, p. 61-82, Coletânea. São Paulo: FDE, 1994.

THOMAS, K. - *O homem e o mundo natural*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

Notas

1. Sobre esse tema, SALIBA (1994) tem uma interessante observação a fazer "Apesar de muitas vezes representarem metáforas do milenar esforço em iludir a si mesmos e oprimir os outros, robôs e simulacros, duplicantes e fantasmas, andróides e replicantes, selenitas ou marcianos constituem, na verdade, um grupo de homens e mulheres aprendendo dolorosamente a verdade sobre si ou sobre os outros, sobre sua história e a história de suas sociedades." (SALIBA, p. 77, 1994)
2. "O homem atribuía aos animais os impulsos da natureza que mais temia em si mesmo - a ferocidade, a gula, a sexualidade - mesmo sendo o homem, e não os animais, quem guerreava a sua própria espécie, comia mais do que devia e era sexualmente ativo durante todo o ano. Foi enquanto um comentário implícito sobre a natureza humana que se delineou o conceito de 'animalidade'" (grifo do autor. THOMAS, 1989, p.48).
3. Informações extraídas dos próprios diálogos do filme.
4. Diferenças citadas por Pyle, 1993
5. Descartes sintetizou: *Penso, logo existo*.

Elenise Cristina Pires de Andrade é aluna do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Unicamp, membro do grupo FORMAR-CIÊNCIAS. E-mail: nisebara@widesoft.com.br